

Anexo 2

Paulo Duarte de Carvalho Amarante

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

AMARANTE, P.D.C. Anexo 2. In: *O homem e a serpente*: outras histórias para a loucura e a psiquiatria [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 1996, pp. 121-124. ISBN 978-85-7541-327-2.

<https://doi.org/10.7476/9788575413272>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Franco Basaglia: pequena biografia de um ideal de vida

Em Veneza, no ano de 1924, nasce Franco Basaglia. E nessa cidade, ainda estudante, milita na Resistência Italiana, quando é preso até o final da Segunda Grande Guerra. Terminada a guerra, Basaglia ingressa na Faculdade de Medicina de Padova e, após 12 anos de vida acadêmica, decide abandonar a Universidade para trabalhar no Hospital Psiquiátrico Provincial de Gorizia.

Os muitos meses de prisão fazem com que perceba as cruéis condições a que são submetidos os institucionalizados – o que, imediatamente, associa aos internos do hospital psiquiátrico – e apontam para um ideal de vida que vai perdurar até os seus últimos dias: a transformação radical das práticas e das instituições psiquiátricas.

Já em 1961, ano em que ingressa na Direção do Hospital de Gorizia, Franco Basaglia inicia as mudanças, melhorando as condições de hospedaria e cuidados técnicos para com os internos. Por sua marcante formação humanística e filosófica, mais precisamente no campo da fenomenologia e do existencialismo, procura abordar a doença mental no contexto da

relação do indivíduo com o seu corpo, sua maneira de vivê-lo, objetivá-lo e de ser fundamentalmente sujeito da experiência corporal. Prisioneiro da ótica positivista da qual ainda hoje a cultura médica é impregnada, o corpo resulta pura inércia e passividade. É preciso superar a nítida dicotomia alma e corpo, criando uma possibilidade de conquista de uma subjetividade para que este corpo possa apropriar-se, opor-se a sua sistemática objetivação realizada pelo método naturalístico. (Basaglia, Franca apud Barros, 1994:58)

Mas o contacto com a realidade institucional desvai essa possibilidade, levando-o a se perguntar: “Como fazer emergir o sujeito desta humanidade humilhada, destes corpos torturados, destas vidas interrompidas?” (idem).

As mudanças internas na instituição são assim levadas às últimas conseqüências, com a abolição completa dos métodos coercitivos e violentos, com o resgate dos direitos e da dignidade dos internos, mediante as ativas participações nas reuniões e assem-

bléias. Os primeiros pavilhões começam a ser abertos, mobilizando a comunidade local em prós e contras, mas, em última instância, devolvendo a discussão e a responsabilidade dos doentes e da instituição à sociedade, que havia subtraído de si essa questão.

Nos anos finais da década de 60, em meio ao clima revolucionário dos movimentos estudantil e operário que envolvem a Europa, o trabalho de Gorizia ganha repercussão em vários países. A discussão sobre a violência institucional, a segregação e o autoritarismo aproximam os operadores e os pacientes de Gorizia dos movimentos sociais mais significativos.

Em 1968, com base na constatação de que o hospital psiquiátrico não servia à terapêutica, mas ao controle social de determinados segmentos marginalizados, Franco Basaglia lidera a iniciativa de fechamento do hospital provincial. A equipe técnica encaminha à administração municipal uma reivindicação para que as atividades do hospital sejam definitivamente encerradas, o que é rejeitado pelo poder local. Como resultado, a equipe dá alta coletiva aos internos e se demite em massa.

O hospital termina por ter uma nova direção, que readmite muitos dos internos e o retrocesso torna-se visível. Entretanto, a repercussão da experiência de Gorizia mobiliza muitos técnicos em várias cidades italianas e, até mesmo alguns meses depois, na própria Gorizia, a experiência é retomada.

A repercussão dessa experiência significou também um importante convite e, em 1969, Franco Basaglia parte para os Estados Unidos da América como professor convidado em um Mental Health Center, tendo a possibilidade de conhecer de perto a famosa 'terceira revolução psiquiátrica': a psiquiatria comunitária.

Em 1970 Franco Basaglia retorna à Itália e, em Parma, inicia nova experiência, procurando "fragmentar o manicômio em inúmeros núcleos autônomos", recusada pela administração provincial (Basaglia, Franca O., 1993:47). Decide, assim, partir para Trieste, onde em 19 de agosto é nomeado diretor do Hospital Psiquiátrico Provincial, com 1.200 internos, dos quais cerca de 900 sob tutela judicial, onde elabora um programa de profundas transformações.¹⁵⁶

Em janeiro do ano seguinte consegue, da administração local, a concessão de subsídio em dinheiro para os pacientes em alta encarregarem-se dos próprios tratamentos. Em março desse mesmo ano é inaugurada a primeira cooperativa de trabalho de pacientes – a Cooperativa dos Trabalhadores Unidos –, dedicada a tarefas de limpeza,

¹⁵⁶ Utiliza-se aqui, basicamente, a cronologia proposta pelo livro organizado por MAURI (1983).

não apenas do próprio hospital, mas com contratos externos. Ainda nesse ano, em dezembro, é fechado o primeiro pavilhão, o P, cujas instalações serão destinadas, posteriormente, à sede administrativa e às oficinas e ateliês das cooperativas: o Laboratório P. A idéia desse Laboratório nasce na festa de natal de 1972, na casa de Basaglia, com o princípio de realizar um trabalho coletivo de caráter cultural no hospital de Trieste. Um grupo de pessoas presentes decide colocar-se à disposição desse trabalho coletivo; são pintores, escritores, animadores culturais, professores, diretores de teatro e cinema, fotógrafos, enfim, de variadas inserções no mundo cultural, que decidem oferecer suas experiências para o desenvolvimento de um trabalho cultural no hospital.

O ano de 1973 começa com uma importante inovação: o surgimento da categoria 'hóspede'. Esta é reservada aos internos que, por não terem justificativa psicopatológica para permanecerem internados, mas que não tendo também recursos próprios para uma subsistência autônoma, recebem alta médica. A administração lhes cede um quarto ou apartamento no espaço do hospital, em decorrência da dívida social do Estado para com essas pessoas. Sendo hóspedes podem entrar e sair, ter as chaves do cômodo, do armário; não estão mais sob tutela ou tratamento coercitivo. Além do espaço para morar, aos hóspedes são oferecidos subsídios em dinheiro para subsistência.

Após curto período de funcionamento do Laboratório P, o grupo decide promover uma grande atividade cultural que caracterizasse o trabalho de transformação levado a cabo no hospital. De alguns internos veio a idéia de homenagear um velho cavalo que trabalhava no espaço da instituição e que, agora, devido à idade, estava abandonado e com risco de ser morto pelo ônus que representava. Coincidência ou não, Marco (este era seu nome) significava, de certa forma, a condição de todos os segregados pela sociedade e, então, foi o tema escolhido para a atividade. Sobre uma estrutura metálica construiu-se um grande cavalo de *papier machê*, assim como o Cavalo de Tróia, o qual, pela primeira vez, acompanhou a saída em massa dos internos, técnicos e simpatizantes do movimento, pelo interior da cidade.

Marco Cavalo torna-se, assim, símbolo do processo de liberalização e de retorno à cidade, de todos aqueles cujo manicômio havia seqüestrado essa possibilidade.

Prossegue-se com o fechamento de mais pavilhões e, ainda, das oficinas de ergoterapia, que dão lugar a novas cooperativas de trabalho.

Malgrado a forte oposição e críticas a esse processo, a Organização Mundial da Saúde (OMS), ainda em 1973, credencia o Serviço Psiquiátrico de Trieste como referência para a pesquisa no âmbito da saúde mental.

Em janeiro de 1975, é aberto o primeiro Centro de Saúde Mental, em Aurisina, com o objetivo de dar início à rede de serviços territoriais verdadeiramente substitutiva ao hospital psiquiátrico especializado. A partir daí são implantados os demais seis Centros. Estes, diferentemente de outros centros de saúde mental experimentados na Itália ou em outros países, passam a oferecer atenção integral, nas 24 horas do dia e 365 dias do ano, com acolhimento de crise, atendimento domiciliar e apoio social. Formam a base técnica e social territorializada para o programa de desinstitucionalização.

Em 1976, o Hospital Psiquiátrico de Trieste é oficialmente fechado, não aceitando mais novas internações. Toda a assistência passa a ser realizada a partir dos centros territoriais, das cooperativas, dos grupos-apartamento e do serviço de emergência do Hospital Geral.

Em 13 de maio de 1978, por todo o debate e repercussões provenientes do trabalho conduzido por Basaglia em Trieste, é aprovada a Lei nº 180 – ou Lei da Reforma Psiquiátrica Italiana –, que fica popularmente conhecida como ‘Lei Basaglia’.

Em novembro de 1979, Franco Basaglia deixa a direção do hospital em Trieste, sendo substituído por Franco Rotelli, e parte para a região do Lazio, cuja capital é Roma, para dar início à implantação da reforma.

Em agosto de 1980, aos 56 anos, morre na mesma cidade em que nasceu.